



CIÊNCIA E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS: CONCEPÇÕES DE ACADÊMICOS/AS DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA UEM/MARINGÁ

Alexandre Luiz Polizel¹
Naum Neri Santana¹
Eliane Rose Maio²

Resumo

A sexualidade é inerente ao âmbito escolar, estando ou não inclusa no currículo da instituição, entretanto, na disciplina de ciências tal temática, tem restringido a caracteres de reprodutivos e infectológicos. Objetivou-se no levantamento das concepções prévias sobre sexualidades licenciandos/as do Curso de Ciências Biológicas do município de Maringá-Paraná. Foi realizada uma revisão da literatura e aplicações de questionários aos/as alunos/as, de duas turmas do primeiro ano noturno. Nota-se nos/as graduandos/as do primeiro ano um conjunto de pré-conceitos provindo de educação sexual escolar deficiente durante a educação básica. A relação de gênero correlacionada às genitálias mostrou-se presente. Os/As discentes também apresentaram caracterização de papéis de gênero como justificativa para a divisão sexual de trabalho, visão que poderia ser transferida a algum/a aluno/a durante a futura docência. A literatura sugere correlação entre fatores ambientais e biológicos na formação da identidade sexual do indivíduo. Os presentes dados somados à literatura sugerem que a capacitação dos/as profissionais na área de ensino e o aprimoramento dos materiais didáticos faz-se necessário, implementando tais conteúdos nos livros de apoio, no currículo da formação inicial, continuada e escolar.

Palavras-chave: Educação Sexual; Sexualidade; Ensino de Ciências.

Introdução

Quando se fala de sexualidade, a primeira impressão que se tem é falar sobre sexo, para algumas pessoas, entretanto sexualidade é mais que isto. A etimologia da palavra possui o seguinte significado: identidade sexual do indivíduo, sexualidade é o desejo de contato, o carinho, o amor, o prazer, sua construção e interiorização de sentimentos (FREITAS & DIAS, 2010).

O termo sexualidade, na concepção de Chauí (1981) é relativamente recente e surgiu quando o conceito de sexo teve seu sentido alargado, especialmente

¹ Graduando no curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Maringá. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Diversidade Sexual (NUDISEX). E-mail: Neri.naum@gmail.com

² Professora Dra. Adjunta do Departamento de Teoria e Prática da Universidade Estadual de Maringá. Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Diversidade Sexual (NUDISEX).



quando se passou a distinguir e diferenciar necessidade e desejo. Tal discussão desvinculou a relação sexual apenas para os fins reprodutivos.

Vale ressaltar que a sociedade desenvolveu em seu contexto cultural e histórico estereótipos entre os sexos, as orientações sexuais e as identidades de gênero. Na concepção de Franco e Racy (s/d), as orientações sexuais estão socialmente alocadas em relação para onde a libido está direcionada, em relação ao que seria o gênero do indivíduo. Já identidade de gênero faz figuração em relação a qual gênero social o indivíduo se identifica, se condizente ao órgão sexual que possui, macho/fêmea ou diferente do mesmo. Estas classificações acarretaram em diferenciações sociais visíveis. Levando em consideração que a sexualidade é uma existência como um todo, tornam-se notórias 'identidades' diferentes dentro de um ambiente escolar.

É comum na vivência social, que nos é apresentada, certa preocupação com o órgão sexual da criança, ainda durante a gestação. Para os indivíduos masculinos a escolha dos tons azuis nos enxovais e se for menina o predomínio do rosa. Sendo visível assim, à esteriotipação de gênero, bem como separação dos indivíduos (quase como duas espécies distintas), pela combinação de cromossomos XX ou XY, o qual definirão o 'sexo reprodutivo da criança' (nas lepidópteras, por exemplo, temos ZZ para macho e ZO para fêmea; e em alguns répteis a definição de sexo dar-se-á pela temperatura) (FRANCO & RACY s/d).

Para Gomez (1993), gênero se refere a um conjunto de traços da personalidade, atitudes, sentimentos, valores, condutas e atividades que por meio do processo social, diferenciam o homem da mulher. Nesse enfoque, não se fica restrito apenas ao campo fisiológico, incluem também outras dimensões ligadas ao sexo, pré-definidas pelos valores culturais e atribuídas ao homem e à mulher, estabelecendo relações entre si, fazendo emergir papéis, necessidades e acesso a recursos de acordo com diferenças pessoais.

O conceito de gênero, que valoriza os aspectos sociais, culturais, econômicos, políticos e sociais, surge como um elemento que se opõe à concepção de que fatores biológicos eram alicerces das diferenças entre homens e mulheres (NICHOLSON, 2000). Bonilla (1993) alude que o sexo não muda, mas gênero é um



conceito referente às diferenças sociais e culturais entre homens e mulheres, podendo variar segundo as configurações sociais e históricas.

Justificam-se então culturalmente na sociedade brasileira, enquadramentos diferentes para cada gênero: a mulher encontra-se na maioria das vezes atrelada à condição de estrutura familiar, maternidade, trabalhos domésticos e o homem atrelado ao indivíduo que sustenta a casa, trabalhando fora dela, liderando a família (AQUINO *et al*, 2008). Na cultura cristã, por exemplo, quando analisada juntamente com o contexto histórico, vê-se sempre a mulher como sexo frágil, na tutela de seu marido ou pai, e o homem como guardião, responsável e comandante da família. Entretanto a sociedade ocidental atual está tendo outra visão ao tema, no qual ambos os gêneros passam a ter um tratamento igualitário (TRINDADE & FERREIRA, 2008).

Figueiró (2006) relata a necessidade de desconstrução dos padrões de gênero atuais, para a busca de tal regime igualitário. Esta infere que a educação sexual inicia-se nas residências, mas muitas vezes esta é negligenciada, de modo que tal função é transmitida na escola, por sua característica de desenvolvimento intelectual (sob orientação de educadores/as) e pela vivência com a diversidade em tais âmbitos.

A escola é um ambiente para construção do conhecimento, entretanto os elementos sexistas e discriminatórios são muitos e recorrentes, nesse contexto a posição do/a professor/a é um divisor de águas, ou não. Trazer temáticas relacionadas à sexualidade são essenciais para diminuir os tipos de preconceitos em geral (BELLO & LUZZI, 2009). Para Cavalcanti (2011), este tipo de acontecimento levou os estudos referentes a gênero, sexualidade e diversidade sexual ocorrerem com mais frequência não apenas no ambiente escolar, mas em todo o cenário brasileiro.

Vemos nas escolas deste cedo os meninos conviverem com a nudez, por exemplo, no momento do banho durante a Educação Infantil e o uso do banheiro (seja com o consentimento dos mesmos ou não), já as meninas não são expostas a situações semelhantes (LOURO *et al.*, 2000). Observamos na maioria das instituições de ensino brasileiras, separações que são baseadas em sexo e não na identidade de gênero, o que pode acarretar em contextos 'discriminatórios', tais



como a divisão de filas para meninos e para meninas, de modo que a diferenciação por gênero começa desde cedo, contribuindo para uma divisão ou até mesmo exclusão de grupos. Esta 'normatização' pode ser perpetuada por toda a vida destes indivíduos. Características físicas e comportamentais esperadas de meninos e meninas são reforçadas corriqueiramente de forma consciente ou inconsciente, nos pequenos gestos do dia a dia (PARANÁ, 2001).

No ambiente escolar a preocupação no conteúdo de educação sexual com IST (principalmente o vírus da imunodeficiência humana-HIV) e com gravidez precoce, entretanto, poucos/as orientadores/as pedagógicos/as fazem menção à orientação sexual (BEIRAS, TAGLIAMENTO & TONELI, 2005). Ainda segundo os/as autores/as, notamos que para trabalhar tal contexto são necessárias constantes capacitações de tais profissionais, e que os/as mesmos/as não envolvam crenças religiosas ou opiniões pessoais em tal assunto.

Nas escolas a utilização de livros didáticos para direcionar a disciplina é evidente, entretanto nem sempre estes possuem contextos relacionados à sexualidade quanto a aspectos sociais. Andrade, Forastieri & El-hani (2001), realizaram a análise de 20 livros didáticos direcionados ao Ensino Médio, e nenhum destes materiais citou interações do contexto social e da Biologia sobre 'homossexualidade e bissexualidade', tais livros citavam apenas IST, métodos contraceptivos, aspectos reprodutivos da sexualidade humana (anatômica e fisiologicamente, desde aparelho reprodutor até fecundação). Os autores continuam a contextualização ao analisarem os materiais do ensino de Ciências no Ensino Médio, no qual dos treze livros apenas dois abordavam o tema 'sexualidade e orientação sexual', entretanto um destes trata a homossexualidade como 'opção de vida'. Outros contextos referentes à sexualidade que eram observados no Ensino Fundamental era a questão de desenvolvimentos fisiológicos, focando a heterossexualidade.

As práticas de educadoras e educadores são, por vezes, pautadas em crenças, valores e preconceitos oriundos de suas trajetórias singulares e, sobretudo, inscritas em contextos culturais e históricos determinados (BEIRAS, TAGLIAMENTO & TONELI, 2005, p. 75).



Dentro da escola é notória a presença de meninos e meninas convivendo com piadas e gozações referentes à sexualidade, quando não desconstruída, a homofobia expressa desprezo pelo afastamento e pela ridicularização. Na maioria dos ambientes escolares, gera um *apartheid* onde ocorre a separação entre os/as alunos/as pela sua orientação sexual (LOURO *et al.*, 2000). Educadores/a muitas vezes deixam de abordar a temática quando identificam tais expressões discriminatórias, por insegurança ou falta de formações abrangendo a temática. Em contrapartida, alguns/mas deixam de trabalhá-la por entender que 'é uma fase', sendo tais discursos (tanto discriminatórios quanto de incorporação de identidades), momentâneos, e passarão com o passar da adolescência.

Até o final do século XX e início do século XXI era pouco comum que alunos/as (ou até mesmo indivíduos na sociedade em geral) assumissem sua sexualidade ou declarassem a mesma, entretanto, conectados/as pela Internet, passaram a estabelecer relações amorosas que desprezam dimensões de espaço, de tempo, de gênero, de sexualidade e estabelecem jogos de identidade múltipla nos quais o anonimato e a troca de identidade são frequentemente utilizados (KENWAY, 1998). Acarretando então na maior necessidade de trabalhar o assunto, visto que o preconceito que foi gerado culturalmente, ocasiona restrições de discussões e materiais sobre o estudo de sexualidade e orientação sexual no âmbito escolar e familiar, o que é algo extremamente preocupante, visto que a sexualidade é um fator importantíssimo no bem estar individual (ANDRADE, FORASTIERI & EL-HANI, 2001).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) apresentam que a educação sexual deve impregnar toda a área educativa, de modo que o/a professor/a de Ciências e Biologia tem espaço privilegiado para abordar o tema.

O trabalho com orientação sexual supõe refletir sobre e se contrapor aos estereótipos de gênero, raça, nacionalidade, cultura e classe social ligados à sexualidade. Implica, portanto, colocar-se contra as discriminações associadas a expressões da sexualidade, como atração homo ou bissexual, e aos profissionais do sexo (BRASIL, 1998, p.316).

É notório no âmbito escolar, dúvidas e interesse dos/as alunos/as, sobre a temática sexualidade, visto que os/as mesmos/as necessitam de instrução sobre o tema para formação de sua própria identidade ou aceitarem a já construída



(FREITAS & DIAS, 2010). É interessante ressaltar que tal ensino tem que ser dado de maneira não diretiva e incentivadora, mas sim apenas como fonte de conhecimento, o que será extremamente importante para a construção da sexualidade do indivíduo.

A Orientação Sexual não-diretiva aqui proposta será circunscrita ao âmbito pedagógico e coletivo, não tendo, portanto caráter de aconselhamento individual de tipo psicoterapêutico (BRASIL, 1998, p. 83).

Nos livros didáticos é constante a sexualidade relacionada apenas pelas suas estruturas biológicas mais exteriores, tais como órgãos sexuais, seios, pêlo de adão (no homem), entretanto tal conceito vai além, onde se destacam identidade de gênero e orientação sexual (TRINDADE & FERREIRA, 2008).

É notório que as dificuldades de transgêneros/as, ou seja, alunos/as que possuem identidade de gênero distinta daquela designada em seu nascimento, no cotidiano da escola são muito amplas, desde a resposta de chamada, interação com colegas, professores/as e comunidade escolar e, principalmente, qual banheiro utilizar. Às vezes os/as próprios/as docentes demonstram dificuldades de trabalho, devido à falta de formação sobre o assunto (CRUZ, 2008).

Para Abramovay, Castro e Silva (2004), em sua obra intitulada “Juventude e sexualidade” apresentam que no ambiente escolar grande parte dos/as estudantes não gostaria que seus/suas colegas de sala fossem homossexuais (27,8%), e o número aumenta ainda mais quando é analisada a opinião dos/as pais/mães (41,2%), observando assim que parte do preconceito vem do ambiente familiar. Tal tipo de pensamento preconceituoso é levado adentro do ambiente escolar e, assim, os/as alunos/as serão vítimas de preconceitos ocasionados por ideologias machistas, gerando agressões (físicas ou mentais) que acarretam então na dificuldade de inserção do/a trans-lesbo-bi-a-homossexual³ no âmbito escolar e de trabalho (CAVALCANTI, 2011).

Evidenciamos então que são necessários trabalhos de maneira mais ampla, com maiores intercontextualizações, onde se trabalha educação sexual, envolto por

³ Termo utilizado para denominar as aversões a homossexuais, lésbicas, bissexuais, assexuados e transgêneros.



contextos culturais e históricos, e com metodologia didática e que incentive o interesse dos/as alunos/as pelo tema (BEIRAS, TAGLIAMENTO& TONELI, 2005).

Materiais e Métodos

O presente trabalho foi realizado em duas etapas, inicialmente com revisão e levantamento bibliográfico. Foram realizadas buscas nos bancos de dados digitais SCIELO, BVS, Periódicos da CAPES, e na Biblioteca Central da Universidade Estadual de Maringá, onde as seguintes palavras foram utilizadas para pesquisa: “sexualidade”, “sexualidade em ambiente escolar”, “biologia da sexualidade”, “sexualidade e genética” e “a sexualidade atrelada ao ensino de ciência”. A seleção do material foi realizada pela separação de artigos em inglês, português e espanhol, dando preferência para os de língua portuguesa.

Após o levantamento bibliográfico, deu-se o desenvolvimento de um seminário, aplicado na disciplina de Didática, na qual realizamos três dinâmicas de criatividade e sensibilidade, e essas continham questionários, que se baseiam em poucas questões/guias, quase sempre abertas, como relatados por Tanaka e Melo (2001). Estas tiveram como objetivo, colher pré concepções que os/as alunos/as de duas turmas do primeiro ano noturno do curso de Ciências Biológicas, da Universidade Estadual de Maringá, em Maringá-Paraná, teriam e que poderiam ser repassadas durante seu período docente. Para cada aluno/a foi entregue uma folha, na qual as únicas informações presentes foram: sexo, identidade de gênero, orientação sexual e idade. Nesta folha foram respondidas as três atividades aplicadas:

Dinâmica 1: Foi solicitado aos/às acadêmicos/as que fizessem uma divisão do papel em: empregos para homens, mulheres, homossexuais/lésbicas e transexuais. Após a escrita uma reflexão foi proposta mostrando que mesmo sabendo sobre as modificações culturais e tendo um conhecimento prévio sobre o assunto, ainda existe uma visão ‘estereotipada’ sobre o tema.

Dinâmica 2: Para cada aluno/a foi disponibilizada uma folha, na qual identificou-se com: sexo, identidade sexual, orientação sexual e idade. Foi solicitado às pessoas que realizassem uma divisão do papel em cinco partes, na qual foram colocados sinônimos de nomenclaturas utilizados para: pênis, vulva, homossexuais,



transexuais e heterossexuais. Posteriormente feita uma discussão coletiva, a fim de instigar reflexão. Após a atividade tais dados foram tabulados e analisados.

Dinâmica 3: Referenciamos uma situação, em uma sala no qual um dos/as futuros/as professores/as dará aula, existe uma aluna trans* mulher. A mesma tem problemas com 'qual banheiro utilizar' e a questão de 'qual nome a mesma será referenciada na lista de presença'. Como você, professor/a se colocaria, qual banheiro seria o melhor para que a aluna utilize: o feminino, o masculino, o da direção? Por quê? Qual seria o nome chamado: o de batismo ou seu nome social?

Resultados e Discussão

Participaram de tal análise 16 indivíduos, todos/as os/as entrevistados/as identificavam-se como cisgênero, ou seja, seu sexo biológico reprodutivo coincidia com seu gênero social (FRANCO & RACY s/d), demonstrando a ausência de trans* no espaço de ensino superior, nessa turma, podendo ser este assimilado a grande evasão escolar destes/as. Quanto à orientação sexual, apenas um identificou-se gay/homossexual e uma bissexual.

Os/As graduandos/as em um primeiro momento correlacionaram profissões para: homens, mulheres, homossexuais e transgêneros/as. Para os homens foram relacionadas dezoito profissões: cinco requeriam ensino superior (uma associada à educação) e oito a serviços braçais, sendo pedreiro a mais citada (n=12). Para mulheres citaram quinze profissões: nove relacionadas a cuidados (estéticos, de saúde ou domésticos), duas a ensino e cinco necessitavam de ensino superior, a ocupação mais lembrada foi doméstica (n=7). Para homossexuais/Lésbicas, relataram nove profissões: cinco estéticas, duas artísticas, um dos mencionados requer ensino superior na área de ensino, cabeleireiro foi o ofício mais referido por doze pessoas. Transexuais tiveram associação com cinco profissões, todas noturnas (exceto a de desempregada/o), a mais mencionada foi a de prostituta (n=8). Notou-se a existência de normatizações sexistas para as profissões geradas culturalmente, comprovada pela diversidade apresentada e à padronização das mesmas. A área da educação foi mais relacionada a mulheres e homossexuais (três



referenciais cada), já para os homens, apenas uma. Observou-se também a ausência de mercado para pessoas trans, sendo mencionadas apenas para profissões noturnas e sendo o único grupo não relacionado à educação.

Em um segundo momento, os/as graduandos/as levantaram sinônimos relacionados a: homossexualidade, heterossexualidade e transgêneros. Para o termo homossexual, apareceram quinze sinônimos pejorativos, apenas um que abrange as lésbicas (sendo este termo: sapatão), as palavras mais citadas foram: “viado (25,71%), bicha (14,28%), sapatão (8,57%) e boiola (8,57%)”. Quanto às pessoas trans* relacionaram onze palavras, duas pessoas não citaram nenhuma expressão, três palavras mencionam sobre a orientação sexual e as outras oito palavras apenas com travestis, sendo as mais citadas: “traveco (18,51%), travesti (18,51%) e traveção (11,11%)”. Heterossexual, foi representado por doze expressões, em que cinco pessoas não assimilaram este a nenhum outro desígnio, nove conectam o termo ao sexo masculino com palavras que apresentam superioridade, e três termos conferem ao sexo feminino de maneira que dois destes eram de inferioridade. Os sinônimos mais apresentados para o termo heterossexual foram: “macho (24%) e machão (16%)”. Analisando os dados, observa-se que ao tratar de homossexuais/lésbicas, trans e hetero os mesmos estão mais direcionados ao sexo masculino, visto que poucos são correlacionados a palavras do sexo feminino. Para homo e transexuais são dados apenas sinônimos de inferioridade. Observa-se também que transgêneros estão relacionados à orientação sexual e não à identidade de gênero, ou seja, estes não compreendem a identidade de gênero como o gênero que a pessoa se identifica, mas sim assimilam trans* a homossexuais afeminados a ponto de se ‘transformarem’ em mulheres. Heterossexual é algo tão normativo que as pessoas não conseguem estabelecer um elo entre tal.

Como resultados da terceira dinâmica, todos/as entrevistados/as sugeriram a utilização do nome social, para a aluna trans* mulher, visando a sua identificação com o nome e ao constrangimento que o nome de batismo lhe causaria, devido à mesma se reconhecer no gênero feminino. Entretanto destes/as apenas uma pessoa se preocupou com a maneira burocrática e a documentação com o nome social, o qual relatou por via escrita que poucas são as leis garantindo direitos relacionados à



diversidade sexual. Quanto ao banheiro foram propostas três alternativas: utilização do banheiro de acordo com a sua identidade de gênero (70,60%), de acordo com seu sexo (23,52%) ou a criação de um terceiro banheiro (5,88%). Os indivíduos que apoiavam o banheiro equivalente à identidade de gênero mostraram-se preocupados como bem estar físico e psicológico da aluna, a utilização do banheiro relacionado ao sexo tendia ao órgão genital, no qual um dos entrevistados citou que: “após a cirurgia de mudança a mesma poderia utilizar o banheiro feminino”, e a criação do terceiro banheiro tem como argumentação a integridade física da aluna.

Quanto à utilização de sinônimos, Maio (2011) ressalta que as construções de sexos e sexualidades demandam de construção e organização social por meio das linguagens, que evidentemente caracterizam aquilo que pode ou não ser expresso. Quando se fala de orientação sexual e identidade de gênero, consegue-se observar que seguindo a heteronormatividade, todos são relacionados a palavras de inferioridade, como por exemplo ‘passiva’, demonstrando que o mesmo perdeu sua masculinidade tornando-se passivo. E quando se fala de corpo humano, tenta-se mascarar utilizando palavras relacionadas com o gênero, por exemplo, se é um menino cita-se: “cadê o pintão” demonstrando o sexo masculino como aumentativo, e se é menina ou a mesma é restrita de falar sobre seu órgão ou recebe um nome ‘bonitinho’, como por exemplo, “piriquita”, tais sinônimos prejudicam o entendimento sobre os verdadeiros nomes corpóreos, ou prejudicam a questão de inclusão social (FRANCO & RACY s/d; MAIO 2011). Ainda segundo os/as autores/as, tais expressões subjetivamente incorporam as identidades um perfil de superioridade ou de inferioridade. Pode-se notar nas construções de papéis de gênero, que os homens sempre se sobressaem na força, na resistência e as mulheres na delicadeza e no ato de cuidar.

Percebe-se que a aplicação de questionários mostrou-se extremamente necessária para determinar quais contextos precisam ser trabalhados com os/as professores/as para que exista qualidade no trabalho referente ao tema em sala de aula (BEIRAS, TAGLIAMENTO& TONELI, 2005).

Os/As alunos/as que responderam os questionários, declararam não conhecer aspectos biológicos relacionados à sexualidade, para isto foram realizados levantamentos bibliográficos, o qual foi possível observar que em análise histórica a



sexualidade era considerada algo que homens e mulheres já conheciam, era algo que era 'dado pela natureza' (o que confere se se levar o termo sexualidade relacionado ao sexo, entretanto quando se trata de identidade de gênero e orientação sexual são observados estudos demonstrando fatores fisiológicos e neurais atrelados aos mesmos) (LOURO *et al.*, 2000). Ainda para Louro *et al.* (2000), a sexualidade é algo construído no decorrer da vida do indivíduo, é uma construção cultural, plural e de experiências. Na perspectiva 'natural' os gêneros são separados de acordo com aspectos biológicos, que dividem os seres em 'masculino e feminino', ou seja, o corpo da pessoa seria a definição do que ela é ou pode ser. Desta forma, os aspectos biológicos têm limitado a identidade do indivíduo, deve-se observar a sexualidade como um caráter de genética quantitativa, o qual tem influências genéticas e ambientais. Dentro dos aspectos ambientais, encontra-se a vivência social, de modo que o meio influenciará também na inibição e expressão gênica.

Contudo, as informações biológicas sobre sexualidade não estão sendo repassadas pelos/as docentes no ensino básico. As respostas dos/as estudantes mostram a deficiência da educação sexual no ensino fundamental e médio. Os dados sugerem também, que a ausência da disciplina de educação sexual/gênero/diversidades sexual na grade do Curso, compromete o aprendizado e uma futura transmissão de conhecimento. A presença de uma disciplina específica sobre educação sexual mostra-se necessária, para formação inicial, continuada e humana de qualidade.

Conclusão

Por meio da revisão bibliográfica, notou-se que existe vasto número de estudos na área de educação e sexualidade, entretanto pouco é aplicado nos ambientes escolares. É necessária a capacitação dos/as professores/as ao tema e na maior aplicabilidade do mesmo em sala de aula. Atividades de extensão são necessários para trabalhar tanto com alunos/as, quanto com professores/as. Ouvir o ponto de vista dos/as estudantes sobre o tema, mostra-se necessário para o desenvolvimento de metodologias que incentivem a discussão por parte dos mesmos.



O desenvolvimento de uma disciplina abordando educação sexual mostra-se necessária para melhor qualificação do/a docente em formação inicial e humana, não apenas no curso de Ciências Biológicas, mas em todas as Licenciaturas. Observou-se na bibliografia levantada que a identidade sexual tem sido definida pela relação de fatores biológicos e sociais, e não apenas a um destes aspectos. Notou-se que a linguagem tem uma tendência machista e classificatória, tal qual denota as construções culturais de papéis de gênero.

A 'normatização' de 'classes', quando relacionadas ao mercado de trabalho tem levado a uma especificação de áreas, o que as torna reducionista e limitante. Tal visão deve ser desconstruída para e pelos/as futuros/as docentes, visto que ao lecionar prepararão alunos/as reflexivos/as ao mercado, e esta preparação não deve ser sexista. O levantamento demonstrou que os/as alunos/as de Ciências Biológicas, da UEM, desconheciam os aspectos biológicos da sexualidade, de modo que o compreender tais aspectos transformar-se-ia a Biologia em uma ferramenta que auxiliaria a (des)(re)construção de conceitos utilizados para a não segregação e rotulação de identidades. Tais dados demonstram também a falta de discussões sobre sexualidade não apenas na educação básica, mas também no ensino superior.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M.G. & SILVA, L. B. da **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

ANDRADE, C. P.; FORASTIERI, V. e EL-HANI, C.N. Como os livros didáticos de Ciências e Biologia abordam a questão da orientação sexual? **III Enc. Nac. Pesquisa em Educação em Ciências**, 2001, Atibaia, SP. Atas Disponível em: <<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/iiienpec/Atas%20em%20html/o36.htm>>. Acesso em: 11 de janeiro de 2014

AQUINO, Priscila de Souza; NICOLAU, Ana Izabel Oliveira; MOURA, Escolástica Rejane Ferreira e PINHEIRO, Ana Karina Bezerra. Perfil sociodemográfico e comportamento sexual de prostitutas de Fortaleza - CE. **Texto contexto – enferm**, 2008, vol.17(3), p. 427-434



BEIRAS, Adriano; TAGLIAMENTO, Grazielle e TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Crenças, valores e visões: trabalhando as dificuldades relacionadas a sexualidade e gênero no contexto escolar. **Aletheia** [online]. 2005, (21), p.69-78

BONILLA, E.C. Género, familia y sociedad: la aproximación sociológica. **Fermentum: Revista Venezolana de Sociologia y Antropologia**, 1993, v.2(6/7), p. 26-41.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAVALCANTI, Manuela Paivade Holanda. **Gênero, educação & diversidade**: sociabilidade das travestis nos ambientes educacionais na cidade de Maceió/AL. Ondina, 2011. Disponível em:
<http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308232879_ARQUIVO_ArtigoCONLAB.pdf>. Acesso em: 12 de março de 2013.

CHAUÍ, M. Educação Sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão? **Cadernos de Pesquisa**, 1981, (36)

CRUZ, Elizabete Franco. **A identidade no banheiro**: travestis, relação de gênero e diferenças no cotidiano da escola. Florianópolis, 2008. Disponível em:
<<http://xa.yimg.com/kq/groups/19841694/1379898302/name/A+identidade+nos+banheiros..+travestis....pdf>>. Acesso em: 8 de março de 2013.

FRANCO, Maria Helena; RACY, Vera Lúcia Simonetti et al. **Caderno**: Escola sem homofobia. Disponível em:< <http://revistaescola.abril.com.br/pdf/kit-gay-escola-sem-homofobia-mec.pdf>>. Acesso em 3 de março de 2015

FREITAS, Kelly Ribeiro de; DIAS, Silvana Maria Zarth. Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade. **Texto contexto - enferm.** 2010, vol.19(2). Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/tce/v19n2/17.pdf>>. Acesso em 30 de março de 2013

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de educadores sexuais**: adiar não é mais possível. Londrina: EDUEL, 2006

GOMEZ, E. G. **Gênero, muyer e salud en lãs Americas**. Washington: OPS/OMS, 1993.



KENWAY, Jane. "Educando cybercidadãos que sejam "ligados" e críticos". In: SILVA, Luiz Heron (Org.). **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis/SP: Vozes, 1998, p.99-120.

LOURO, Guacira Lopes *et al.* **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte, 2000. Disponível em:<<http://foxftp.no-ip.biz:8888/arquivos/livros/Ci%C3%A4ncias%20Humanas/Pack%20-%20I/LOURO,%20Guacira%20Lopes.%20O%20Corpo%20Educado.pdf#page=4>>. Acesso em: 28 de março de 2013

MAIO, Eliane Rose. **O nome da coisa**. Maringá: UNICORPORE, 2011

PANARÁ. **Diferenciação que pode excluir indivíduos**. O Estado do Paraná, 22 de outubro de 2001, Disponível em:<WWW.parana-online.com.br/editoria/mundo/news/221001>. Acesso em 20 de março de 2013.

TANAKA, O.Y.; MELO, C. **Avaliação e Programas de Saúde do Adolescentes: um modo de fazer**. São Paulo: EDUSP, 2001.

TRINDADE, Wânia Ribeiro e FERREIRA, Márcia de Assunção. Sexualidade feminina: questões do cotidiano das mulheres. **Texto contexto - enferm.** [online]. 2008, v.17, n(3)

SCIENCE AND SEXUALITY IN TEACHER EDUCATION: CONCEPTS OF ACADEMIC OF BIOLOGICAL SCIENCES COURSE OF UEM/MARINGÁ

Sexuality is inherent in the school environment, whether or not included in the curriculum of the institution, however, the discipline of science this theme, has restricted the characters of reproductive and infectológic. Aimed at the survey of preconceptions about sexuality undergraduates those of Biological Sciences Course Maringá-Paraná. A literature review was conducted and questionnaires applications to students, of two classes of the first night year. It is noted in the first year undergraduates a set of preconceptions coming from poor school sex education for primary education. The correlated gender relation to the genitals was present. The students also presented characterization of gender roles as a justification for the sexual division of labor, a view that could be transferred to any student for future teaching. The literature suggests links between environmental and biological factors



in the formation of the individual sexual identity. The present data added to the literature suggest that the training of professionals in the area of education and the improvement of teaching materials is necessary, implementing such content in support of books in the curriculum of initial training, continuous and school.

Keywords: Sex education; Sexuality; Science Teaching.